



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**CORPOREIDADES E EXPERIÊNCIA:
A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Cintia de Assis Ricardo (SME-RJ/SEE-RJ– cintia03assis@yahoo.com.br)
Elisângela Borges Andrade (SEE-RJ-elisbandrade@msn.com)
Luciana Bilitário (SME-RJ/SEMED- BR - lucianabilitario@ig.com.br)
Renata Fernandes Ramos (FME- Niterói/ SME-RJ- ramos.renatafernandes@gmail.com)

O trabalho visa ampliar questionamentos e desdobramentos onde diferenças e singularidades conduzam processos educacionais, fortalecendo a escola pública e ampliando nossos olhares para o cotidiano escolar, considerando corpo e movimento como parte fundamental desses processos. Os desdobramentos partem de diálogos em um Grupo de Pesquisa pertencente à uma instituição federal que enfatiza a educação física, experiências e cotidianidades. Levantamos questões que auxiliam na construção de práticas pedagógicas que problematizam padrões, hierarquias e exclusões do contexto sócio-educacional. Destacamos práticas pedagógicas baseadas em conceitos de corporeidades, experiências e emancipação. Contribuíram Carvalho, Larrosa, Gallo, Daólio, Freitas.

Palavras-chave: Corporeidades. Experiências. Emancipação. Cotidiano.

Lugar do corpo na sociedade

...A humanidade caminha
Atropelando os sinais
A história vai repetindo
Os erros que o homem traz,
O mundo segue girando
Carente de amor e paz
Se cada cabeça é um mundo
Cada um é muito mais...

(Trecho de música “Diversidade”, de Lenine)

Vivemos um tempo de desenvolvimento tecnológico e transformações das rotinas de vida nas relações sociais, econômicas e afetivas, ritmos acelerados que o sistema capitalista tem imposto à nossa sociedade. Tais imposições provocam, também, mudanças nas nossas relações com o corpo e com o movimento. Quantas e quais são as informações que trazemos e levamos? Quais são as considerações importantes para esse sujeito, em sua formação.

Questionamos o dimensionamento do nosso envolvimento, como educadoras, com tantos saberes científicos relevantes desvinculados da realidade particular do



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

cotidiano escolar em que vivemos, inseridos na sociedade (nosso contexto). Muitos destes conhecimentos tem nos distanciando dos conhecimentos construídos por nossas próprias experiências. De que forma podemos ficar atentos a não querer mais que o corpo esteja docilizado, permitindo somente a formalização de conteúdos estáticos?

Ao falar sobre escola e sobre questões voltadas para formação do sujeito nos aspectos culturais, sociais, biológicos e científicos, abordaremos a corporeidade, a partir de um conceito voltado para o desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e criativo, sob a forma da construção da aprendizagem feita pelo próprio sujeito. Desta forma percebemos que a escola tem estado sob o foco de investigação e indagações, é parte da sociedade atual, pertencente a esse contexto contemporâneo, não poderá ficar alheia a essas mudanças de nossa sociedade, tanto no que diz respeito às peculiaridades do cotidiano escolar, do pertencimento dos problemas atuais de cada unidade escolar, quanto de seus indivíduos pertencentes e formadores daquele contexto. E em se tratando de pessoas, de sujeitos, neste sentido concordamos que

(...) corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo humano em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). O corpo se toma a permanência que permite a presença das “coisas mesmas” manifestar-se para mim em sua perspectividade: toma-se o espaço expressivo por excelência, demarca o início e o fim de toda ação criadora, o início e o fim de nossa condição humana. (FREITAS, 1995, p. 53)

As aulas de educação física têm sua especificidade nas práticas corporais, o que nos tem feito questionar até que ponto estamos preocupados em assumir uma atitude mais consciente sobre o corpo vivo, pois o corpo estático urge por movimento, um movimento consciente, que provoca e é provocado por mudanças. Assim, compartilhamos a ideia de corpo compreendendo que

(...) o conceito de corpo ativo, assim como sua materialização cotidiana, deve ser uma forma de resistência. Resistência à cultura do hiperconsumo; resistência ao império do efêmero; resistência à imposição de uma estética pasteurizada; resistência ao narcisismo sem limites; resistência ao controle generalizado. Corpo ativo como uma espécie de cuidado consigo mesmo, uma ação sobre si mesmo que nos faça a um só tempo mais saudáveis e mais conscientes de nossas possibilidades, de nossos entornos, de nossos limites. Corpo ativo como uma forma de ser-no-mundo, como o exercício de uma vida autônoma, crítica e criativa. Em suma, o conceito de corpo ativo implica uma atitude ética para consigo mesmo e para com os outros e o



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

mundo [...] uma forma de fazer-se melhor a cada dia, fazendo com isso que o mundo também seja um lugar melhor para viver. (GALLO, 2006, p. 28)

Uma escola atual enfrenta novos desafios diante disso, e precisa rever seus processos escolares utilizando os questionamentos, inquietações e desafios para ampliar a aprendizagem, contribuindo para o processo de emancipação de todos.

Vivemos uma realidade dinâmica e oposta aos corpos estáticos que a escola, com suas práticas, insiste em promover. Questionamos também o trabalho específico da educação física, buscando superar a ideia de reprodução de gestos, padrões e a de êxito sobre o outro, assim

As referências de apoio para o ensino da educação física na concepção aberta às experiências são; em primeiro lugar, todos os motivos que levam a movimentos com sentido, que constituem a temática e oferecem as próprias perspectivas de agir, além de desenvolver expectativas de êxito. Uma didática, nesse sentido, não pode se contentar em fomentar uma forma econômica, técnica e racional de aprendizagem, até para não cair no constante risco da cegueira de um saber modesto. Um pensamento didático deveria, muito antes, ser orientado para a questão de como as relações com o mundo dos objetos podem ser intensificadas e como, a partir disso, podem surgir questões mais interessantes para as práticas de movimentos. (KUNZ, 2010, p. 200)

E pensando nas diferentes corporeidades, entendemos que a educação física escolar tem possibilidades de fomentar trabalhos voltados para a valorização das vivências dos sujeitos, no sentido de ampliar as práticas corporais de todos e construir saberes para todos.

Imobilização e aprendizagem- desdobramentos da educação física escolar

Do lugar onde estou já fui embora.
(Manoel de Barros, 2010, p.348)

A dualidade presente na relação corpo e mente tão sacramentada ao longo da história da educação encontra ainda hoje grandes espaços e reforços no cotidiano escolar. Pode-se dizer que a escola está preparada em todos os seus ambientes para proporcionar e permitir, ou não, determinados tipos de comportamentos e experiências.

A escola tem se adequado de tal maneira ao longo da história aos objetivos políticos predominantes, que seus personagens - alunos, professores, gestores - se distanciam cada vez mais de seu próprio roteiro, limitando-se a segui-los em cada



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

palavra, sem necessariamente refletir sobre aquilo que reproduzem. A estrutura física das escolas sugere em seus espaços a adequação a determinadas atividades, o que poderia ser considerado um ganho se tais espaços fossem utilizados em prol da dinâmica necessária à aprendizagem. Pátio, salas, laboratórios, carteiras, bolas, bancos, computadores, projetores. Em meio a tantos objetos, caberiam também nesta lista alunos, professores, funcionários, direção?... Cada um executando suas funções como as salas ou bolas, cada um se esforçando a executar em favor de um objetivo final dentro das limitações de suas especificações de uso.

A insistência em separar os espaços para o corpo e para a mente, enfatizando a ideia dualista e reducionista, se mostra tão arraigada no comportamento dos profissionais da educação que muitas vezes temos dificuldade em refletir sobre tais práticas e comportamentos. Afinal, o que é o ideal buscado para o processo ensino-aprendizagem? Uma sala com alunos enfileirados e silenciados? Aliás, ao que tem se limitado este espaço de ensino-aprendizagem? O termo sugere um processo em que existe alguém que ensina e outro que aprende. Mas o que é privilegiado neste processo e quem é este outro?

O problema é que, como já foi apontado, no âmbito da filosofia moderna hegemônica o outro é uma representação. Quando falo do outro, não falo senão do eu, de como eu o represento. E resta que o outro nada mais é do que uma ficção, um produto de meu pensamento. Assim, o educador que planeja sua ação para os outros não tem em mente ninguém mais do que ele mesmo. Ele educa à sua semelhança, sendo o outro uma representação sua. Ele define, de antemão, o outro como o mesmo. (GALLO, 2006 p.7)

As experiências e os modelos educacionais vividos em outro contexto social, de uma outra época, são ainda tidos como exemplos e parâmetros a serem seguidos por muitos profissionais da área educacional. Que perspectiva é sugerida quando perseguimos modelos ultrapassados? Manter uma era de repressão e submissão? É isto o ideal? Recriar e reproduzir anos após anos um modelo de educação em que o aluno é um mero receptáculo, que reflete os nossos próprios conceitos de educação ideal – que serão sempre muitos, pois remetem uma educação escolar vivida há décadas atrás, em consonância com família, sociedade e diferentes intenções políticas, é não enxergar que diante de nós existe uma pessoa que tem uma vivência, uma história, que pertence a uma realidade e que necessita vivenciar sua totalidade. Consideramos então que

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. No entanto, há um preconceito contra o movimento. (STRAZZACAPPA, 2001, p. 69)



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Desenvolver processos escolares com alunos com intuito de contribuir na emancipação, de que sejam autônomos passa pela condição primordial de repensar sua realidade, encontrando na escola espaços para que os conflitos não sejam simplesmente abafados pelos ecos de um *status-quo*. Falar em autonomia não mantém estanque a ideia de que temos o contato diário com pessoas em formação, que estruturam suas corporeidades através de suas vivências. Quando estas estão em desacordo com planos de formação humana, propostas a partir de perspectivas que levem em conta as diferenças, as individualidades, as construções culturais e as potencialidades presentes nesta escola, tudo que teremos será a reprodução irrefletida de uma sociedade individualista e alienada, encontrando reafirmação pela legitimidade de um espaço público educacional.

Quando a escola se ocupa em adestrar corpos atuando especialmente em espaços em que supostamente apenas o intelecto atua, ela reforça a dualidade presente e reforçada durante tanto tempo de que há a separação entre corpo e mente.

Dentre os objetivos declarados, está a promoção de saúde e educação. Higienista, alienante, disciplinadora ou esportivizante, a educação física encontra ainda hoje em suas práticas irrefletidas consequências muitas vezes catastróficas de atividades que visam hegemonia. É preciso repensar toda uma história de marginalização concebida sem nenhuma ingenuidade para que encontremos na educação física a possibilidade de práticas que contribuam com uma educação emancipatória e que propicie a vivência das corporeidades em sua amplitude.

O rendimento físico e a performance desportiva, isoladamente, demonstram serem insuficientes para viabilizar elementos que integrem propostas pedagógicas articuladas com toda a comunidade escolar, embasadas pela perspectiva da democratização dos bens socialmente construídos, do questionamento das condições desiguais de existência e de ampliação da participação político-social. (CARVALHO, 2012, p.29)

Colocar-se em condição flexível para perceber, durante as aulas, conflitos e explorá-los constitui uma forma de viabilizar situações de construção política. Mais que oportunizar, o currículo pode provocar com intencionalidade no decorrer de suas atividades questionamentos, pode ainda mexer com pré-concepções e naturalizações da realidade, contribuindo para uma sociedade pensante, discordando de práticas hegemônicas e excludentes de uma educação física esportivizante e/ou autoritária.

O que pode um professor de educação física, promover em suas aulas, que não seja destruído ou tornado confuso aos alunos ao receberem os castigos de proibição e negação do corpo? Não apenas o professor de educação física deveria ser o responsável por deixar entrar em aula “os corpos” de seus alunos, mas a este cabe a responsabilidade quase solitária de repensar de que maneira estes corpos serão considerados na escola.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Tais considerações nos remetem a algumas situações como a hora do recreio, que é o pouco tempo-espço de convivência em que o corpo é permitido. É um momento em que é possível perceber a manifestação das singularidades e da inventividade nos atos dos alunos.

Infelizmente acontecem cenas de reprodução legítima de comportamentos de dominação e poder, que acabam por definir a forma que se deve “gastar” esse tempo.

Foucault (1989) oportuniza subsídios para pensar o contexto escolar quando relaciona o “poder disciplinar” existente na sociedade às escolas. Assim, as escolas impõem movimentos controlados e repetitivos, doutrinando e tentando eliminar do corpo das crianças os movimentos criativos e espontâneos.

Ao pensarmos corpo como local das realizações como brincar, sentir, experimentá-lo fazendo parte do viver de cada pessoa, é o único local inteiramente seu e onde ocorrem a todo instante as marcas da cultura. No que se refere à cultura, enquanto mecanismo de controle, Daólio (1995) considera que “a cultura torna-se necessária para a regulação desse comportamento público do homem. É ela que dá caráter de humanidade a essa espécie animal” (op. cit., p. 35).

Essa cultura que nos constitui, direciona os pensamentos, concede valorar o que visualizamos dentro de uma lógica estabelecida, perceber o que se passa ao nosso redor em conformidade com as lentes convencionais.

Felizmente há possibilidade de ousadia de pensamento e ações nos espaços de trânsito coletivo. Tal atitude necessita de reflexão política, filosófica e, pode encontrar espaço para seu acontecimento nas ações pedagógicas do cotidiano.

Estes tensionamentos provocam impactos nestas relações nas vidas dos nossos alunos e também na de todos os envolvidos no processo, porém vale lembrar que estes mesmos corpos marcados pela opressão, são aqueles que transgridem, resistem à imobilidade, se fazendo perceber, através de gestos, de gritos, de correrias, olhares e questionamentos. São estes que podem tirar os acomodados pelo sistema da sua zona de conforto, que podem oportunizar a busca por um olhar ampliado sobre as formas de aprender, de ensinar, de se relacionar com o outro, com os saberes do outro.

... Nunca digam - Isso é natural!
A fim de que nada passe por ser imutável.
(Bertolt Brecht)

Enquanto mediadores e interventores, carecemos de sensibilidade para alcançar um olhar atento, evitando invisibilizar problemas de convívio escolar, relacionado as formas de representação de alunos que traduzem os seus sentimentos através de suas expressões corporais em conformidade com as suas singularidades e que, por vezes, acaba por incomodar o outro, mas que precisam ser respeitadas.

Palavra de ordem que nos rodeia e que segue interferindo em nossas ações, em nome da diversidade presente em nossas escolas mais uma vez são todos recebidos, porém invisíveis às discussões e diálogos que precisam ser abertos com a intenção de possibilitar a construção de caminhos e formas de lidar com o diferente, com o outro.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Confrontar as desigualdades sociais é boicotar suas reproduções através de práticas que busquem o rompimento deste pensamento instituído de poder centralizado e verticalizado. E pensando em práticas que superem o instituído, afirmamos a necessidade do trabalho coletivo e de correr os riscos, entendendo que

Ao buscar o caminho da invenção, entendendo-a como processo que também é coletivo – pois, como inventar novas práticas pedagógicas, que incluam as corporeidades, se nossas referências estão em modelos que seguram/dificultam isso? (CARVALHO, 2012, p. 97)

É com o desejo de auxiliar a construir esse caminho, que desdobramos esse artigo.

Corporeidades e experiência como possibilidade de diálogos e desdobramentos nas escolas

Essa ciranda não é minha só
Ela é de todos nós, ela é de todos nós
Pra se dançar ciranda juntamos mão com mão
Formando uma roda, cantando essa canção
(Trecho da música “Minha ciranda”, de Lia de Itamaracá)

Pensando processos escolares, entendemos que a escola está imersa na sociedade e que materializa as relações existentes nela. Logo, a escola traz à tona situações onde demonstrações de poder e de ideologias que são comuns e favorecem hierarquizações e padronizações. A proposta de educação do olhar pretende que sejam problematizadas as questões pertinentes da escola, considerando a mesma como

(...) uma instituição social e, como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere. Ao mesmo tempo em que reproduz as estruturas de dominação existentes na sociedade, constitui-se em um espaço onde se pode lutar pelas transformações sociais. As práticas escolares trazem a marca da cultura e do sistema dominante, que nelas imprimem as relações sociais que caracterizam a moderna sociedade capitalista. (GONÇALVES, 2008/1994, p.32)

Assim, a educação do olhar vem conceber uma prática pedagógica baseada na experiência, no atravessamento de diferentes saberes, onde a diferença, a singularidade entre os sujeitos possa ser motivo de curiosidade e ampliação dos conhecimentos de todos os envolvidos. Quando falamos de experiência nas aulas de educação física, temos o cuidado de enfatizar que essas aulas, ao terem a característica, a especificidade de práticas corporais, não significa que haja garantia da experiência. Afinal, experiência



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

(...) é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou o que nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos passe. (LARROSA, 2004, p. 154).

Entendemos que a escola e suas práticas pedagógicas estão sempre pautadas em concepções, seja da sociedade, de homem/sujeito, de educação. Desejamos que as concepções que tratam apenas de reproduzir e engessar os conhecimentos, os saberes, a cultura, sejam superadas, dando lugar à educação voltada para a construção de saberes de forma coletiva, através do encontro de diferentes corporeidades, com diferentes marcas, histórias, gostos. Quando falamos em encontro, evidenciamos a multiplicidade de outros, de sujeitos, porque o

(...) tema do outro é um dos grandes problemas a serem pensados pela educação. A questão é saber se, quando falamos em alteridade na educação, estamos, de fato, falando no outro e na possibilidade de encontros, ou se estamos falando do mesmo, e sempre da redução ao mesmo, portanto sem qualquer possibilidade de encontro. (GALLO, 2008, p.1)

A escola pode se constituir em um lugar de encontros, que são possibilidades de experiências. Este lugar de encontros possíveis está carregado de símbolos, de marcas, que são constituintes das diferentes corporeidades de todos os envolvidos no processo educacional. Os encontros estão praticamente garantidos, mas precisamos refletir sobre a qualidade destes encontros, sobre as relações que são estabelecidas a partir do lugar que cada sujeito ocupa neste território.

Como em qualquer instância da vida, encontros podem ser bons ou ruins, e dependem para isso das concepções que temos de escola, de coletividade, de experiências, da construção de processos escolares. Desta forma, a prática pedagógica que defendemos entende que

(...) a educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2008, p. 01)

O desejo por encontros alegres tem oportunizado a nossa busca por aulas que favoreçam e experiência, o aprendizado com sentido. Em algumas aulas com uma turma



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

de Aceleração (Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro para alunos com defasagem idade e ano escolar), por exemplo, podemos perceber a importância do atravessamento do coletivo e dos saberes particulares, peculiares. No trabalho com o conteúdo *ginástica*, fica evidente, pelos relatos, que muitos sabem sobre as práticas associadas, como saltos, acrobacias, desafios corporais. Precisam só que se abram espaços para que demonstrem, apresentem seus conhecimentos, e todos nós nos apropriemos – ou não – deles. Aí entra a possibilidade de experiência enquanto conceito que gera aprendizagem, pois tem acontecido de a maioria de nós, inseridos nestes relatos, nos abrimos ao que acontece, fazendo-nos pensar nas inúmeras experiências que os alunos têm a compartilhar no processo de escolarização. Desse modo é preciso compreender quem são nossos alunos, quem somos no processo escolar. Concordamos que

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a imposição (nossa maneira de impor-nos), nem a proposição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de expor-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, a quem nada lhe fere. (LARROSA, ob. cit., p. 161)

Assim, defendemos a criatividade, contrária à previsibilidade que engessa, que impede que se pense sobre o que está sendo feito. Afinal o cotidiano é dinâmico, é ir fazendo, trabalhando, vivendo, experimentando, aprendendo. Estamos trabalhando muito para que as possibilidades se concretizem, que desdobrem em formação continuada para todos. Percorrendo esses caminhos, as experiências escolares podem promover o exercício da condição de sujeito único/singular, vivente, construtor de sua história em toda e qualquer prática educativa.

Outro ponto relevante em nossas discussões tem sido o trabalho com jogos e brincadeiras populares com turmas de segundo segmento (sexto ao nono ano do ensino fundamental), pois, inicialmente, grande parte dos alunos demonstra certa aversão às brincadeiras, tentam fazer com que as aulas sejam baseadas apenas em alguns esportes que eles gostam muito.

Com a consolidação de projetos pedagógicos e planejamentos participativos, tem sido possível a inclusão destes temas e, após o primeiro contato, logo se deixam atravessar pela experiência, pelo prazer, ampliando as propostas e enriquecendo os saberes de todos, pois a base é no trabalho coletivo.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

O outro é a própria condição da vida e da convivência, é o que nos ensina a filosofia da diferença. Na vila ou na ilha, se outros não somos, apagam-se as possibilidades. (GALLO, 2008, p. 18)

É importante ressaltar, a partir dessa questão, que os alunos são parceiros no desenrolar do processo - logo, sua atuação no planejamento é imprescindível, pois nesse momento ouvir, ver, falar com o outro é condição de ampliação de possibilidades. Isso quando nos dispomos a entender e agir considerando, como disse Gallo (2008), que a educação é união, junção, encontro. O que pode significar ver, achar belo, ser provocado pela diferença que existe quando existe mais de um, no mesmo espaço.

Considerações provisórias

Quando reconhecemos a necessidade de práticas pedagógicas com base nas corporeidades e nas experiências, consideramos que estamos superando a ideia de educação como simples transmissão de conhecimentos. Tratamos sim de educação como possibilidades de aprendizagem através de variadas vivências, escapando da lógica vigente, que hierarquiza os saberes e aniquila potências.

Desejamos também destacar a importância do lugar ocupado por nós enquanto pesquisadoras, pois a socialização de informações, vivências e possibilidades de trabalho tem sido possível através das discussões que acontecem nos nossos encontros em um Grupo de Pesquisa, cuja inserção de todas nós, guardadas as peculiaridades, se deu por conta da necessidade e desejo pela busca por um trabalho mais consciente, afinado com a compreensão do mundo que nos cerca e pela certeza de nosso compromisso com a escola pública. Afinal a “ciranda”, o processo é de todos nós.

Apresentar nossas pesquisas e experiências, dialogando com Professores e Licenciandos de diferentes instituições e saberes, também contribuirá no desenvolvimento do que aqui compartilhamos.

Referências:

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

CARVALHO, Rosa Malena. **Corporeidade e cotidianidade na formação de professores**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1989.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

FREITAS, Giovanina Gomes. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Campinas, SP: Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Unicamp. Dissertação de Mestrado, 1995.

GALLO, Silvio. **Corpo ativo e a filosofia.** In MOREIRA, Wagner (Org.). *Século XXI - a era do corpo ativo.* Campinas, SP Papyrus, 2006, p. 09 – 30.

_____. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença.** In *Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos.* Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir – corporeidade e educação.** 8ª Campinas, SP: Papyrus, 2008.

KUNZ, Elenor & TREBELS, Andreas H. **Educação Física Crítico-emancipatória.** Ijuí: Unijui, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da Educação no Corpo.** 3ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Campinas, SP: Caderno Cedes, nº 53, p. 69-83, abril, 2001.